

VISÃO DO CORREIO

É preciso apostar na saúde mental

Nas reuniões de dependentes anônimos, a frase “Só por hoje” costuma ser um poderoso compromisso diário de autodisciplina e busca pela saúde. Um lema antigo para quem luta contra transtornos que destroem vidas e que, no Brasil, ganha um adversário onipresente: os jogos de apostas on-line. Especialistas alertam que o país enfrenta uma pandemia de dependência em jogos com o avanço descontrolado de plataformas que oferecem as chamadas bets. Há uma mobilização grande em torno dos ganhos e perdas desse tipo de atividade nos campos políticos e econômicos. Falta uma investida maior sobre os possíveis desdobramentos para a saúde mental.

O problema é de fato desafiante. Profissionais da área reconhecem que até mesmo os protocolos de tratamento precisam ser readequados. Segundo a psiquiatra e professora da Faculdade de Medicina da Universidade de Brasília (UnB) Helena Moura, diferentemente de idosos e homens mais impulsivos, perfis de dependentes de jogos tradicionais, ela tem atendido jovens, muito deles universitários, sem comorbidades prévia, como ansiedade e alcoolismo, que “começam por brincadeira e, quando percebem, estão com uma dívida enorme”.

Professores têm relatado o aumento de alunos fazendo apostas em sala de aula, usando, inclusive, dinheiro do Pé de Meia, programa recém-criado pelo governo federal para apoiar financeiramente estudantes do ensino médio, nas investidas on-line. Há de se investigar os relatos, mas também adotar estratégias que não sejam apenas punitivas. Apostar no caráter preventivo e educativo para preservar a saúde mental é o caminho. Ainda que não seja o objetivo principal, a intenção do governo, anunciada na sexta-feira, de proibir o uso de celulares em escolas públicas e privadas pode ajudar nesse sentido.

Segundo Helena Moura, políticas públicas que restrinjam o acesso às bets tendem a amenizar duas características que favorecem a dependência: o acesso simples — 88% dos brasileiros têm um celular, segundo o IBGE — e de fácil disfarce — é também por meio desses aparelhos que se desenrola boa parte dos compromissos cotidianos. Da mesma forma, a possibilidade de punição a fabricantes de celulares que estão produzindo aparelhos já com aplicativos de apostas instalados pode ser eficaz. Oito empresas foram notificadas na semana passada pela Secretaria Nacional do Consumidor e têm 10 dias para se explicar.

Falta, porém, uma reação estruturada do Ministério da Saúde para o enfrentamento das roletas virtuais. Além do risco do agravamento da desnutrição e de outras mazelas — beneficiários de outros programas do governo, como o Bolsa Família, também caíram nas armadilhas das apostas on-line —, há as questões psicossociais. A taxa de suicídio entre dependentes em jogos é de 15%, e 80% deles, em algum momento, tiveram ideiação suicida.

Medidas em análise, como a produção de relatórios regulares indicando apostadores compulsivos e a adoção de uma pausa obrigatória nos momentos de crise, não parecem suficientes considerando a facilidade com que se pode trocar de aparelho eletrônico e de perfil do usuário. Além disso, quais suportes serão oferecidos depois que a pessoa com o transtorno for identificada? Estudos mostram que as reuniões de dependentes anônimos funcionam porque facilitam mudanças sociais adaptativas e da abstinência. Essa é uma perspectiva a ser considerada na resposta do governo, que, no caso da saúde mental, parece estar sendo construída em velocidade analógica.



ANA DUBEUX
anadubeux.correio@gmail.com

O maior erro da minha vida

Há um tempo que a vida sugere (ou melhor, escancara) a necessidade de fazermos uma repactuação das dívidas com o universo. E isso inclui os acertos de contas que temos de fazer com nós mesmos. Sabe aqueles momentos em que começamos a examinar o que poderíamos ter feito diferente em circunstâncias mais favoráveis?

Os bobos, às vezes, reduzem esse mergulho. Classificam, de forma simplória, apenas o resultado da análise de atos pregressos: arrependimento, culpa, mágoa, certeza, dever cumprido, “faria de novo” e por aí vai. Procuram palavras e expressões para denominar sentimentos que vêm com esse exercício de autoconhecimento. Gosto de interpretar como oportunidade.

Olhar para o passado e mesmo para o presente, entender o que cada coisinha significou, se perder e fazer o que for preciso para deixar que nossos atos ocupem seus devidos lugares de importância e desimportância. Algumas vezes essa reflexão exige pensar “o que eu posso fazer para consertar isso aqui?” ou “como faz para parar de doer?”.

Vou dar um exemplo pessoal e difícil de ser compartilhado. Eu considero o maior de todos os erros da minha vida ter ido a Goiânia, em um mês seco de setembro como este, para fazer um aborto. Tinha 20 e poucos anos, morava sozinha, ganhava o meu dinheiro. O pai da criança me pediu para não seguir em frente, esteve comigo todo tempo. Ainda assim, eu achei que, naquele momento, era o que precisava ser feito.

Hoje, quando me viro do avesso nos meus exercícios de revisão da vida, sinto a enorme necessidade de admitir publicamente que foi um erro. Confesso que o que me impediu de fazê-lo até hoje foi a possibilidade dessa confissão ser mal interpretada e confundida com um discurso contrário ao direito das mulheres sobre o próprio corpo, ao aborto legal e à continuidade de políticas públicas que tratem o aborto como uma questão de saúde pública. É o que defendo e o que entendo como o certo a ser feito.

Minha confissão nada tem a ver com religião e em nada compactua com discursos toscos de

políticos oportunistas e reacionários, nem fanáticos de qualquer tipo. Tem a ver com o direito de escolha e o direito supremo à revisão dos nossos atos. Falar abertamente sobre minha escolha individual e a consciência que hoje tenho sobre a minha decisão é uma forma de reconhecimento e libertação.

Tenho esperança de que liberte também o anjo que ainda ficou morando aqui dentro e dê a ele outro destino que não seja uma gaiola no meu peito. Ao longo dos anos, eu passei a senti-lo perto demais; o batizei com o nome de Ariel, meu anjo, passei a amá-lo incondicionalmente, como a meus outros filhos. Ariel Dubeux Guedes tem me ensinado, intimamente, a não me torturar. Obrigada, meu filho! Voe, livremente, em paz e na luz. Sua missão foi cumprida.

Escrevi esse artigo ainda sob o sol escaldante, o ar irrespirável e o tempo seco de mais um setembro tortuoso. Enquanto o fogo ardia na mata, eu pensava que talvez precisasse de um abafador para as dores da alma também. Decidi soltar esse grito de dor. De alguma forma, me liberto.

Enquanto as florestas ardem Brasil adentro, governos brigando, num blablablá insuportável, provando que a fogueira de vaidades às vezes é maior que o fogo que destrói florestas, eu penso o que faz da nossa realidade algo insalubre. Parte disso está dentro de nós; parte está fora.

A negação em enxergar o quanto estamos errando atrasa esse nosso acerto de contas com o universo. O fogo devorou muita vida na natureza e entristeceu muita gente pelo que realmente importa: os animais, as plantas, a herança de destruição. Isso importa.

Uma amiga me contou da casinha em reforma de sua sobrinha atingida pelo fogo. Isso também importa. Política passa; economia passa; crise passa. Mas tem coisas que ficam. E não precisamos arder em chamas durante longos anos para entender tudo o que importa, seja fora de nós, seja dentro. Quando o próximo setembro chegar, talvez eu já não sinta aquela dor silenciosa, agora compartilhada. Espero também que o ar esteja mais puro. A gente aprende todo dia com o universo. Precisamos ouvi-lo mais.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato. E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Médicos

O editorial Quem Cuida do Cuidador? (edição do **Correio Braziliense** de 20/9) focaliza um aspecto totalmente negligenciado na profissão médica. Na verdade, o médico é o grande esquecido da medicina. Desde que entra na faculdade, nunca ninguém lhe pergunta: para que você quer ser médico? Ele entra no curso carregando suas neuroses e seus desequilíbrios e sai com mais alguns, causados pelo próprio curso. Nas suas dúvidas e conflitos, não tem um atendimento psicológico. Basta dizer que o curso de medicina não tem uma matéria sobre estresse, que é a maior causa de adoecimento. No trabalho profissional, o médico é exigido por todos, pacientes, gestores e SUS. Não obtém satisfação pessoal no atendimento porque não importa a qualidade de medicina que pratica, importa quantos ele atende, o que prejudica a interação médico-paciente. Para minorar a ansiedade, o burnout e a depressão, não bastará o médico se conscientizar de que não é infalível, é preciso dar-lhe atenção como ser falível, ampará-lo nas angústias, nas dúvidas e nos desequilíbrios. É preciso haver um sistema institucionalizado de atendimento ao médico em algum hospital com psiquiatras, psicólogos e terapeutas, ao qual qualquer médico poderia recorrer. Entretanto, os gestores da saúde ainda não se ligaram no médico como paciente.

» **Roberto Doglia Azambuja**
Asa Sul

Cerrado

Na edição de 14 de setembro do **Correio Braziliense**, um leitor se indigna com a atividade agropecuária, que, segundo ele, é a maior responsável pela devastação do Cerrado. Mas o desprezo com que o Cerrado é tratado pelos governos, empreendedores, políticos e mesmo por grande parte da população cria um ambiente propício. Ele não fala da mídia, mas essa também não dá a devida importância ao Cerrado. Haja vista a escassa cobertura da exposição Cerrado, berço das águas, em exibição no Senado Federal. O **Correio Braziliense** fez uma excelente matéria, mas só na versão digital. Enquanto isso, os incêndios grassam sem controle, a temperatura aumenta, as águas escasseiam e o ar torna-se irrespirável. Indignar-se é pouco, todos devemos agir, há muitas formas de se fazer algo efetivo. Quantas árvores você já plantou na vida? Quantas já salvou do corte? Estamos esperando o colapso ambiental para depois chorar as desgraças?

» **Humberto Pellizzaro**
Asa Norte

Maconha

Com a decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) de descriminalização do porte de maconha, é estarecedora, afrontosa e descarada a grande quantidade de usuários nas Praças de Águas Claras, dirá em outras localidades do Distrito Federal. É lamentável a mais alta Corte do país abrir o caminho e avalizar o

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Até agora, o que se observa na gestão do Ministério da Educação é o verbo proibir. Proibições na educação a distância, proibição no uso de celulares etc. Nada de ideias novas, administração sem criatividade.

Marcos Gomes Figueira — Sudoeste

Depois que a empresa constrói a base para um grande atacado, é que o GDF descobre isso? É hilariante!

Sebastião Machado Aragão — Asa Sul

Não conseguem bloquear ligações de presídios, telemarketing e golpes digitais. Espero que o MEC tenha mais sucesso na proibição de celular nas escolas.

Abraão F. do Nascimento

— Águas Claras

Alô, GDF! Nas horas de pico, trânsito horrível no chamado Balão do Walmart, que separa Vicente Pires de Águas Claras. Há semáforos mal temporizados e falta de engenharia de trânsito.

Marcos Paulino — Vicente Pires

processo destrutivo à saúde da população. O Congresso Nacional, inerte como sempre, até o momento, não votou o projeto de lei proibindo totalmente o uso da maconha e libera, mediante comprovação, o uso para fins medicinais. Com a aprovação do projeto, perde a validade o aprovado pelo STF. A família brasileira espera ansiosamente a aprovação deste projeto.

» **Renato Mendes Prestes**
Águas Claras

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegara”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

Valda César
Superintendente de Negócios e Marketing

VENDA AVULSA

Localidade	SEG/SÁB	DOM
------------	---------	-----

DF/GO	R\$ 4,00	R\$ 6,00
-------	----------	----------

Assine

(61) 3342.1000 – Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp

* Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.

Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 991.58.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

Anúncio

Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp

ASSINATURAS*

SEG a DOM

R\$ 899,88

360 EDIÇÕES

(promocional)

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078

- Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFE Agência Estado e DA Press. Tel: (61) 3214-1131



DA Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br